

O BAIXO NO UNIVERSO GOSPEL: OFICINA G3, KATSBARNEA, RESGATE...

cover **baixo**

Essencial para o baixista

3 TRANSCRIÇÕES
SUPERCOMENTADAS

"Pull Me Under"
DREAM THEATER

"Celebration"
KOOL AND
THE GANG

"The Crunge"
LED ZEPPELIN

Nº05-FEVEREIRO 2003 - R\$ 6,50
00005
9771677453109
PORTUGAL - € 3,00

Cliff Burton

O maluco
que marcou a
história do metal

Conheça a evolução do
Fender Precision Bass
9 SUPERAULAS IMPERDÍVEIS

GÊ CÔRTEZ
Entrevistamos
a baixista do
Altas Horas



TESTES BAIXO TAGIMA JACO PASTORIUS • AMPLI BEHRINGER • BOSS BASS CHORUS

do baixista é a estética utilizada em todos os níveis. Som equilibrado e puro, com o baixo atuando como instrumento solista (e também como condutor para as idéias vindas de outros instrumentos) e uma técnica impecável do autor no domínio de seus instrumentos fazem com que Dudu Lima seja uma grata surpresa. **(NW)**



BOJO Vocabulário (Outrosdiscos)

Desde seu primeiro trabalho em 99, o - na época - duo Bojo já demonstrava uma maneira inusitada e divertida de trabalhar com música eletrônica. Com nova formação, o grupo acaba de lançar seu terceiro disco, no qual misturando teclados, loops e ruídos diversos, apresenta 70 (!) mini-temas, dispostos em ordem alfabética e que retratam palavras usadas no cotidiano, transformadas em música. A sensação que dá é que algumas das faixas, de tão boas, mereciam uma maior duração. Com muito bom humor, a colagem que o grupo formado por Maurício Bussab, Kuki Stolarski (bateria), Fê Pinati e o baixista Du Moreira nos traz é uma verdadeira aula de como a música eletrônica pode ser divertida sem cair na mesmice que assola o mercado brasileiro nos últimos anos. De cara, poderíamos citar influências que vão de Kraftwerk a música eletroacústica, passando por lounge e poesia concreta. Obrigatório para ouvir e ler. **(Zé Rodolfo Munõz)**



BAIXO & VOZ Veleiro (MCK)

A música gospel ocupa uma parcela significativa do contexto musical brasileiro, trazendo bons autores e temas muitas vezes originais, como é o caso deste disco. Contando com diversos autores e arranjado pelo baixista Sérgio Pereira e pela cantora Marivone Lobo, *Veleiro* representa uma iniciativa ousada em termos instrumentais que, felizmente, resultou em um interessante CD. Em

"Santo, Santo, Santo", o baixista utiliza a técnica de *slap* para moldar uma interessante condução melódica, enquanto que o *fretless* aparece na bonita introdução de "Amigo de Deus", na qual Sérgio procurou entrecortar segmentos de frases com a linha vocal de Marivone. No meio de tantos sintetizadores e *samplers*, "Pequena" conta com um trio de cordas para elaborar um envolvente arranjo de apoio à melodia vocal. Um dos mais bonitos e inspirados arranjos baixísticos está presente em "É Preciso", ao passo que diversos ritmos brasileiros compostos pelo baixista com o auxílio de *slap*, acordes e harmônicos fazem de "Volte ao Mar" uma interessante fusão de estilos. Formações musicais não convencionais, muitas vezes, podem resultar em trabalhos vazios. Ao optar por isso, Sérgio conseguiu criar uma atmosfera propícia às idéias temáticas apresentadas, atingindo plenamente seus objetivos. **(NW)**



MCGILL, MANRING & STEVENS Controlled by Radar (Free Electric Sound - importado)

Se você está cansado de ouvir os mesmos acordes, as mesmas levadas de bateria, os mesmos grooves, então esse disco duplo foi feito para você. A começar pelo "pedigree" dos caras: o extraordinário baixista americano Michael Manring, o não menos famoso baterista Vic Stevens e o revolucionário guitarrista Scott McGill. Acrescente o fato de algumas composições contarem com a presença de uma inusitada guitarra *fretless* (pensou que só os baixistas é que tinham essa exclusividade?) e o resultado de tal encontro é um trabalho conceitual, virtuoso, minimalista e extremamente sofisticado, destinado para ouvidos dispostos a fazer uma incursão pelo novo e pelo inusitado. Esqueça padrões, melodias, intervalos usados na música ocidental e tudo mais que o faça lembrar de um tema convencional - para esses músicos, tal termo foi riscado do dicionário. O trio resolveu dividir a obra em dois CDs, cada um tendo como tema uma alusão às funções que dividem o cérebro humano. No primeiro, intitulado *Right Brain*, encontramos peças executadas em instrumentos elétricos, enquanto em *Left Brain* predominam os instrumentos acústicos. Este hu-



PAUL SIMON Graceland (Warner)

Até meados dos anos 80, a música *pop* africana se ressentia de uma falta de maior interesse por parte das grandes gravadoras, o que impedia de se firmar junto ao grande público europeu e americano. Nomes como Mirian Makeba e o camaronês Manu Dibango, respectivamente nas décadas de 60 e 70, representavam apenas uma pálida amostra da maravilhosa produção do riquíssimo cenário musical do continente africano, com suas dezenas de países, milhares de idiomas e dialetos, e centenas de ritmos que, levados para a América, deram origem ao *blues*, *funk*, *reggae*, *rock*, *samba* e *rumba*, entre tantos outros que mudaram a história da música ocidental contemporânea. Mal sabia Paul Simon que sua decisão de gravar um disco com músicos da África do Sul em 85 iria desencadear uma verdadeira "corrida do ouro" atrás dos muitos talentos daquele continente. Na época, aquele país ainda vivia sob o cretino regime do *apartheid*, e é bem verdade que Simon tentou não fazer um disco político, mas sim unir sua grande capacidade em produzir belas canções com a riqueza e a enorme diversidade musical dos talentosos/desconhecidos artistas negros da nação de Nelson Mandela. A história de como surgiu a idéia para tal empreitada é no mínimo curiosa. Atravessando uma grave crise pessoal (com direito a divórcio e desilusões profissionais), Simon foi presenteado por um amigo com uma fita cassete de alguns artistas de Soweto. No trajeto diário que fazia entre seu apartamento e a casa que estava construindo em Long Island, o autor de "Mrs. Robinson" começou a ouvir aquelas exóticas gravações. Quando se deu conta, estava totalmente envolvido por aquela realidade tão diferente da sua. Com a ajuda do pessoal de sua gravadora, ele entrou em contato com Hilton Rosenthal, produtor do até então maior sucesso de exportação musical da África do Sul, o grupo multiracial Johnny Clegg & Savuka. Com as devidas coordenadas oferecidas por Rosenthal, Simon embarcou para Johannesburg com seu velho amigo e engenheiro de som Roy Hale. Provendo algumas *jams* junto a músicos provenientes de todas as regiões daquele país, Simon gravou material suficiente para voltar a Nova Iorque e aí sim começou a compor o que resultou em *Graceland*. A mistura inusitada entre um artista *pop/folk* tipicamente americano com a crueza e a beleza de ritmos africanos acabou por transformar o álbum, lançado em 86, em um dos mais belos trabalhos da década de 80. Um dos destaques foi o baixista Bakiti Kumalo que, com seu instrumento *fretless*, acabou por criar maravilhosos *grooves*, recheados ora com a maneira totalmente intuitiva do músico africano ao tocar, ora com técnicas surpreendentes, como a que apresenta na canção "You Can Call Me Al", na qual podemos ouvir, simultaneamente, duas linhas de baixos: uma usando e abusando da técnica do *slap* (num baixo *fretless!*), com direito a um mini-solo; outra fazendo o contraponto, numa típica levada de *mbaqanga* (ritmo urbano da África do Sul). Já em "Diamonds on the Soles of Her Shoes", Kumalo trava um verdadeiro diálogo com a guitarra do não menos genial Ray Phiri. É impossível ouvir *Graceland* e não se emocionar com todas as possibilidades que a música sul-africana reserva aos nossos ouvidos. Quer uma sugestão? pegue o seu Atlas geográfico e conte quantos países existem no continente africano, ouça *Graceland*, multiplique o que você sentiu pelo número de países e responda: você não acha que a gente ainda tem muito que aprender sobre música africana? **(Zé Rodolfo Munõz)**



REPRODUÇÃO